

# **Interações, violência e morte de imigrantes africanos na cidade de Fortaleza<sup>1</sup>**

## *Interactions, violence and death of African immigrants in the city of Fortaleza*

**Ercílio Neves Brandão Langa<sup>1</sup>**

**1.** Doutor em Sociologia (UFC), Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusófrica Afro-Brasileira (UNILAB) e, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Étnicas (GEPE/UFC) e do Instituto de Desenvolvimento da Diáspora Africana (IDDAB). [ercilio.langa@gmail.com](mailto:ercilio.langa@gmail.com)

**Resumo:** O artigo analisa a violência e morte de imigrantes africanos na cidade de Fortaleza entre 2010 e 2018. A partir do Interacionismo simbólico de Erving Goffman e de Howard Becker, avaliei as interações desses sujeitos com a população local em distintas instituições, espaços públicos e privados. Como métodos, além da etnografia combinada com entrevistas e conversas informais com africanos, realizei uma análise documental coletando notícias e reportagens de jornais sobre os imigrantes. Nos últimos oito anos verificaram-se distintas formas de violência – racial, policial, física e simbólica – nas suas interações com diferentes segmentos da sociedade, bem como assaltos na via pública e residências com recurso à facas e armas de fogo, com baleamentos de africanos. Além desses casos destacam-se linchamentos, atropelamento dolosos e feminicídios que resultaram em mortes de africanos e africanas. Conclui-se que, apesar da violência ser “difusa” na sociedade, esta afeta sobretudo os africanos por conta da cor da pele, origem étnica e local de moradia, sendo

---

**1.** Versões anteriores deste artigo foram apresentadas no V Seminário Internacional Violência e Conflitos Sociais: criminalização, controle e punição, Fortaleza, 2016, bem como no I Congresso Internacional sobre Violência, Polidez, Mediação de Conflitos e Acesso à Justiça, Fortaleza, 2016.

mais vitimados que outros grupos imigrantes na cidade.

**Palavras-chave:** Violência urbana. Interacionismo. Imigrantes africanos. Cidade de Fortaleza.

**Abstract:** The article analyzes the violence and death of African immigrants in the city of Fortaleza between 2010 and 2018. From the symbolic Interacionismo of Erving Goffman and Howard Becker, I evaluated the interactions of these subjects with the local population in different institutions, public and private spaces. As methods, in addition to the ethnography combined with interviews and informal conversations with Africans, I performed a documentary analysis collecting news and newspaper reports on immigrants. In the last eight years there have been various forms of violence - racial, police, physical and symbolic - in their interactions with different segments of society, as well as assaults on the public road and residences using knives and firearms. In addition to these cases, we highlight lynchings, malpractices and femicides resulting in deaths of Africans and Africans. It is concluded that, although violence is “diffuse” in society, it affects Africans a lot because of skin color, ethnic origin and place of residence, being more victimized than other immigrant groups in the city. **Keywords:** Urban violence. Interactionism. African immigrants. City of Fortaleza.

## Introdução

Este artigo circunscreve as interações cotidianas entre fortalezenses e africanos na cidade de Fortaleza-CE, em diferentes espaços, lugares públicos e privados, quais sejam: ruas, praças, avenidas, transportes, escolas, hospitais, postos de saúde, bancos, lotéricas, ônibus, metrô, delegacias, supermercados, *shoppings centers*, aeroportos e, particularmente, nas filas que se formam no acesso a tais instituições e serviços.

A presença de africanos no Estado do Ceará entre os finais do século xx e início dos anos 2000 é fruto dos processos de mobilidade estudantil internacional de alunos de África que se deslocam ao Brasil para desenvolver formação universitária em instituições de ensino superior (IES) públicas e privadas, iniciada na década de 1990, prolongando-se até aos dias de hoje.

Ao longo dos anos, o número de africanos em Fortaleza foi aumentando, constituindo um contingente de imigrantes a tornar-se complexo em sua diversidade (LANGA, 2014).

Atualmente, a comunidade é constituída por cerca de três mil africanos entre estudantes e imigrantes econômicos, oriundos de distintas nações subsaharianas, residentes, majoritariamente, na capital Fortaleza.<sup>2</sup> A presença é formada por jovens entre os dezoito e trinta e cinco anos de idade, grande parte do sexo masculino, predominantemente, bissau-guineenses e cabo-verdianos – mas, com um contingente crescente de africanos de países lusófonos, francófonos e anglófonos, bem como de mulheres – sendo constituída por imigrantes negros e pobres, oriundos de um continente e de países que ocupam lugares periféricos na divisão internacional do trabalho capitalista (idem).

Appadurai (2004) aponta que os meios de comunicação eletrônicos e as migrações constituem a marca do mundo presente, no qual as imagens, os textos, os modelos e as narrativas que chegam pelos meios de comunicação de massas marcam a diferença entre as migrações do passado e as atuais. É nesse contexto transnacional que africanos emergem nas ruas e avenidas, nas universidades públicas e faculdades particulares na cidade de Fortaleza, colorindo com suas roupas, cabelos e tons de pele a *etnopaisagem*<sup>3</sup> desta metrópole, influenciados por imagens, textos, notícias, reportagens, telenovelas e programas brasileiros, veiculados pelos meios de comunicação de massas, particularmente, através da televisão e das redes sociais virtuais ligadas à Internet.

A cidade de Fortaleza apresenta altos índices de violência, segregações e estigmas entre bairros ricos e pobres, bem como hierarquizada segundo

---

**2.** Os dados numéricos acerca da presença de africanos no Ceará representa uma estimativa, feita a partir de dados obtidos da Polícia Federal (PF) do Estado, bem como de notícias, reportagens e matérias publicadas nos principais jornais fortalezenses entre os anos 2010 e 2016, quais sejam: *O Povo*, *Diário do Nordeste* e *Tribuna do Ceará*.

**3.** Expressão utilizada por Appadurai (2004) para designar paisagens de pessoas que constituem o mundo em deslocamento que habitamos: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e outros grupos e indivíduos em movimento, que constituem um aspecto essencial do mundo e parecem afetar a política das nações e entre as nações sem precedentes.

distinções de classe, raça, sexo, gênero e religião, num cenário marcado por dificuldades de acesso à escolaridade e emprego. Tais índices e vulnerabilidades não atingem os cidadãos de modo igual e da mesma forma, sendo mais incidente em determinados grupos sociais e raciais: jovens, pobres, moradores das periferias e negros. As interações entre fortalezenses e africanos revelam muito da vida social e do comportamento dos indivíduos na sociedade, em suas distintas facetas que, vão da polidez, deferência formal à rispidez, às situações de preconceito e discriminação racial, em casos-limites terminam em situações de violência verbal, física e até com a morte de africanos.

## Movimentando o Interacionismo simbólico à luz das análises de Goffman e Becker

O Interacionismo simbólico é uma abordagem sociológica qualitativa norte-americana acerca das relações humanas que, considera de suma importância a influência dos indivíduos na interação social originada na Escola de Chicago. Conforme Goldenberg (2004), o Interacionismo Simbólico propõe uma compreensão das ações dos indivíduos através de suas interações cotidianas, de seus comportamentos, gestos, intenções e significados, enfatizando a natureza simbólica da vida social.

Adentrando no universo das interações e situações cotidianas vivenciadas pelos africanos em Fortaleza, percebo a fecundidade analítica de teóricos do Interacionismo simbólico, quais sejam, Erving Goffman e Howard Becker, principais interlocutores deste artigo. Partindo de categorias da sociologia interacionista como **interação face-a-face, informação social, identidade social, ritual de interação, ritual de evitação, definição de situação, linhas e estigma** de Goffman (2011, 2010, 2002, 1988) e **outsiders,<sup>4</sup> desvio, identidade desviante, rótulos e rotulagem** de Becker (2008), problematizo a dinâmica dos encontros face a face entre os dois grupos: africanos e cearenses.

---

4. Foi Becker quem popularizou o uso do termo *outsider* na Sociologia, nos anos de 1960, ao usar tal noção para nomear os indivíduos e grupos que violam normas comumente aceitas e não levam uma vida considerada “normal” pela sociedade. Para Becker (2008), *outsider* é aquele que se desvia das regras do grupo da sociedade vigente.

Na teoria sociológica, Goffman é o autor que melhor examina a complexidade e a dinâmica dos encontros face a face, inesperados entre os indivíduos, fazendo o exame detalhado e sistemático de pequenos detalhes, descrevendo as unidades da interação aí construídas. Desse modo, esse teórico interacionista tenta descobrir a ordem normativa comportamental existente nos encontros sociais organizados, ocorridos em lugares públicos, semipúblicos e privados, ou mesmo, as interações que acontecem sob as coerções de um ambiente social rotinizado, desenvolvendo uma “sociologia das ocasiões”.

Para compreender as interações cotidianas entre cearenses e africanos, recorro a Goffman (1988) para destacar a questão da classificação das pessoas com base em certos atributos como **o estigma e a identidade deteriorada**, mediante os quais indivíduos pertencentes a determinados grupos são bem recebidos, enquanto que indivíduos integrantes de outros grupos não o são. Ademais, em sociedades pós-coloniais e com passado escravocrata como a brasileira, historicamente, os corpos de homens e mulheres negros e negras, sejam eles africanos ou afrodescendentes, carregam e transmitem aquilo que Goffman (1988) designa de **informação social** negativa.

Este sociólogo designa de **informação social**, às informações que o indivíduo transmite diretamente sobre si, por meio de sinalizações que ele dá por meio de gestos, através de expressões, do corpo, cabelo, de signos e símbolos, assim como por meio da roupa e outros adereços. “É uma informação sobre um indivíduo, sobre suas características mais ou menos permanentes, em oposição ao estado de espírito, sentimentos ou intenções que ele poderia ter num certo momento” (*Op cit.*, p. 52). O autor argumenta que certos indivíduos são desacreditados, antes mesmo de serem apresentados ou conhecidos pelas outras pessoas, por conta de determinadas características consideradas estigmatizantes. Sua presença se torna tensa, incerta e ambígua para todos os participantes, sobretudo para a pessoa estigmatizada (*idem*, 1998).

No cotidiano, os africanos e os indivíduos de pele negra são **desacreditados** socialmente nos mais diversos espaços e circunstâncias, seja nas ruas, instituições públicas, particulares, lojas, supermercados, *shopping centers* e por determinados grupos sociais, especialmente policiais e seguranças privados. Goffman (2010) define **interação** como a classe de encontros em copresença

física, cujos “materiais comportamentais são as olhadelas, gestos, posicionamentos e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação, intencionalmente ou não” (p. 9). Vejamos, suas análises acerca dos contatos face a face no cotidiano:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. [...]. Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente dos outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – um caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. (Idem, 1988, p. 12).

Para explicar as interações sociais nas quais os indivíduos são classificados e tratados de forma diferente, como indesejáveis, Goffman (1988) utiliza a categoria **estigma**, definida como um “sinal corporal que evidencia algo mau sobre o *status* moral de quem os apresenta” (p. 12). O estigma é na verdade, uma linguagem de relações, um atributo que rejeita determinado sujeito, ao mesmo tempo que, confirma a normalidade de outro, senão vejamos:

[a]ssim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um *estigma*, especialmente quando o seu efeito é considerado um efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a *identidade social virtual* e a *identidade social real*. [...] O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso. (GOFFMAN, 1988, p. 13).

Conforme a demonstração feita por este autor, quando nos deparamos com um estranho à nossa frente, fazemos algumas exigências em relação ao seu caráter, o que constitui a **identidade social virtual** desse indivíduo. Já a categoria e atributos que o indivíduo, na realidade, prova possuir, Goffman (1988) designa de **identidade social real**.

Ainda nessa linha de estudos, Becker (2008) destaca o lugar social – enquanto **outsiders ou desviantes** – que, determinados grupos sociais ocupam na estrutura hierárquica das sociedades, ainda que, seus integrantes não se sintam pertencentes a tais grupos. Ao movimentar a **teoria de rotulagem** de Becker (2008), neste esforço de problematização das interações cotidianas entre cearenses e africanos, percebo que os imigrantes residentes nessa cidade vivenciam distintas configurações identitárias negativas. Em seus estudos acerca do **desvio**, Becker (2008) afirma que determinados grupos sociais possuem uma **identidade desviante** nas sociedades, que igualmente os atribui um **status principal** e vários **status auxiliares**.

A rigor, as formas de interação entre africanos e a população fortalezense tende a expressar mecanismos de discriminação, colocando-os na posição de **outsiders** (BECKER, 2008), (ELIAS & SCOTSON, 2000).<sup>5</sup> Desse forma, muitas vezes, os africanos percebem-se *outsiders* em lugares que não são reconhecidos como espaços onde os negros possam transitar. Enquanto negros e africanos, percebem, somente mais tarde, que determinados espaços e lugares lhes são vedados, principalmente, devido à cor da pele.

## **Metodologia: observação etnográfica nas filas de acesso a serviços**

No tocante aos aportes metodológicos, cabe destacar a observação sistemática, as interações entre fortalezenses e africanos em diferentes espaços públicos e privados, particularmente, o comportamento dos indivíduos nas

---

5. Elias & Scotson (2000) analisam relações de poder em uma pequena comunidade inglesa, adotando o termo *outsider* em oposição de *establishment* e *established* - palavras usadas comumente em inglês - para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de poder. De acordo com os autores, *outsider* designa os não-membros da “boa sociedade”, ou que estão fora dela.

filas que se formam no acesso a esses serviços. A análise das interações entre os indivíduos nas filas de serviços públicos é uma técnica muito importante na Sociologia que se faz em Moçambique, meu país de origem. Fruto do regime socialista e seu sistema burocrático que vigoraram durante quinze anos neste país africano de língua portuguesa, as filas revelaram ser um ótimo laboratório para a observação de comportamentos dos indivíduos em espaços públicos. Inspirado nessas análises microcómicas, adotei como método para observar as interações entre africanos e fortalezenses em diferentes espaços na sociedade.

As observações desses encontros e interações nesses espaços – filas de serviços, assentos de veículos de transporte público, espaços de trânsito, redes sociais virtuais, aplicativos de bate-papo e conversas telefônicas – não são comuns na tradição sociológica e antropológica, pois, opõem-se à noção de “lugar” e de “cultura” localizada no tempo e no espaço. Tais espaços assemelham-se àqueles que Augé (1994) designa de **não-lugares**, pois, contrastam com os espaços familiares, sendo lugares de passagem, de encontros fugazes, etc.

Esses **não-lugares** apontam para pontos de passagem, redes de tráfego, de encontros e interações efêmeras e voláteis, muito ligados às concentrações urbanas, meios de transporte, de comunicação e informação, centros comerciais e serviços públicos. À rigor, os **não-lugares** representam espaços e lugares públicos – centros comerciais, aeroportos, rodoviárias, ruas, praças, *shoppings* – onde o mundo é provisório, efêmero e transitório (AUGÉ, 2014). Assim, nas filas que se formam no acesso a serviços públicos na cidade de Fortaleza é possível, compreender a complexidade dos encontros face a face inesperados – sejam os olhares, as falas, os gestos, os constrangimentos, movimentos hesitantes e a evitação, intencionais ou não – entre cearenses e africanos, semelhantes aquilo que Goffman (2011) designa **ritual de evitação**.

O exame detalhado desses “pequenos comportamentos” é uma particularidade metodológica do Interaccionismo Simbólico que, pode ajudar a compreender a ordem normativa da sociedade onde os indivíduos se encontram inseridos. Nesse sentido adotei como via metodológica a observação sistemática das “filas” pois, revelaram ser profícuas para a compreensão de comportamentos, atitudes e práticas dos indivíduos na sociedade. Realizei entrevistas abertas, em distintos espaços e lugares, com africanos de diferentes nacionalidades, grupos



etnolinguísticos e de ambos os sexos. Em alguns casos explorei a alternativa de conversas informais, com registros sistemáticos no diário de campo.

## Interações cotidianas entre africanos e fortalezenses

Movimentando a perspectiva teórica goffmaniana, observei as interações cotidianas dos imigrantes africanos com a população fortalezense. Essas interações obedecem a diferentes **linhas** que, vão da cortesia típica do brasileiro, passando pela aspereza, às situações de preconceito e discriminação, até racismo “cordial” e velado. As situações de preconceito, discriminação racial e do próprio racismo acontecem em diferentes lugares e espaços, sejam eles públicos ou privados. Ao abordar o comportamento das pessoas em espaços públicos, Goffman (2010) argumenta que todas as pessoas vivem num mundo de encontros sociais que as envolvem ou em contato face a face, ou em contatos mediados com outras pessoas, nos quais cada pessoa tende a desempenhar uma **linha**, definindo-a como sendo:

“[...]um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria. Não importa que a pessoa pretenda assumir uma linha ou não, ela sempre o fará na prática” (*Op cit.*, p. 13).

No cotidiano na cidade de Fortaleza, as interações entre imigrantes africanos e cidadãos fortalezenses ocorrem em clima de tensão, de receio e de medo entre estes dois grupos, cuja realidade aproxima-se aos **rituais de interação e de evitação** descritos por Goffman (2011) que, acontecem de diversas maneiras, muitas vezes sutis.

Os **rituais de evitação** vão desde olhares desconfiados e incomodados, por parte de brasileiros, nas filas e salas de espera no acesso a serviços – hospitais, bancos, casas lotéricas, ônibus, lojas e supermercados – passando pela marcação de distância física e social, à troca de lado e de bolsos onde portam carteiras, bolsas, celulares, dinheiro, sempre que um indivíduo afrodescendente, negro ou africano se aproxima. Outras vezes, nas ruas e avenidas, cearenses mudam de calçada e de passeio ao avistarem um indivíduo de raça negra ou

de origem africana e trocam de assento ou preferem ficar em pé dentro dos ônibus, metrô e outros espaços, recusando-se compartilhar o mesmo assento, poltrona, mesmo quando existem cadeiras para se sentarem, como aponta o relato deste imigrante oriundo da Guiné-Bissau.

Ah o ônibus eu não quero nem falar porque na verdade quando saio daqui, às vezes de manhã e por vezes à tarde..., é muito complicado. Não consegues pegar ônibus, um porque eu acho que alguns motoristas, eu não costumo..., dizer que são racistas. Que o povo brasileiro né, aqui no Brasil eu costumo dizer que tudo tem duplo sentido. Aqui, as informações são deturpadas, entendeu. O pessoal leva tudo no sentido... Prontos, eu já tentei parar, hoje mesmo, hoje, eu já tentei parar três ônibus cara, o motorista fazia assim como se fosse parar e passava. Eu acho que é porque eu tava com boné atrás, num estilo meio direto. Então, os motoristas acharam que eu era sei lá, um bandidinho. Então, eu já passei também por isso. [Imigrante bissau-guineense cursando universidade estadual. Entrevista gravada em 23/09/2013].

Desse modo, parte significativa do contingente de africanos afirma sentir-se discriminada no cotidiano, principalmente, quando se deparam sozinhos diante de cearenses em ruas desertas, paradas de ônibus, elevadores, corredores que dão acesso a banheiros, cinemas, dentre outros espaços. Desta forma, os africanos, por serem considerados negros e por isso racializados, não escapam a esses estereótipos, fantasias coloniais e sexuais. Senão, vejamos, então, o depoimento deste imigrante cabo-verdiano contando suas experiências e dificuldades na utilização do transporte público coletivo.

Na verdade, para falar a verdade, no ônibus, as pessoas não costumam sentar ao meu lado, nas instituições a maneira de ser atendido, não é, sempre você sente que você não está sendo bem-vindo. Você sente isso, você sabe isso. Isso manifestou alguma vez na minha experiência. Mas tendo alguma sorte, com os bons momentos aqui, não é. Como disse, estou aqui a experienciar. [Imigrante cabo-verdiano cursando jornalismo em faculdade particular, morando há cerca de cinco anos em Fortaleza. Entrevista gravada em 20/03/2011].

Estes dois imigrantes oriundos de diferentes países africanos, atribuem as dificuldades de utilizar o transporte coletivo por causa de suas características etnicorraciais, físicas e sociais: cor de pele, boné e estilo de vestimenta. Vejamos agora, o depoimento de um imigrante moçambicano, acerca da interação na fila de um caixa eletrônico como segue.

Uma vez, fui consertar o meu laptop em uma loja de informática no bairro Varjota. O técnico de informática explicou-me que se pagasse em espécie teria 10% de desconto. Assim, dirigi-me ao caixa eletrônico mais próximo, que ficava em um posto de gasolina na esquina das avenidas Santos Dumont e Coronel Jucá, dentro de uma padaria/lanchonete, para sacar o dinheiro. Entrei na lanchonete, dirigi-me ao caixa eletrônico e formei a fila. De imediato, percebi que os clientes da lanchonete e outras pessoas que estavam na fila se sentiam incomodados com a minha presença naquele local porque era negro. [Estudante moçambicano cursando universidade pública. Extrato de conversa informal, registrada em 03/06/2011].

Muitas vezes, as ruas, bem como as instituições públicas se apresentam como espaços onde a discriminação racial se torna recorrente, nas quais funcionários, atendentes, bancários, policiais, professores e outros profissionais discriminam os imigrantes africanos, tratando sempre melhor outros estrangeiros de pele clara – “brancos” e “gringos” – originários da Europa e da América do Norte.

## **Distintas formas de vulnerabilidade e opressão**

Quando saem de África para o Brasil, grande parte dos africanos acredita que a expectativa, o nível e a qualidade de suas vidas irão aumentar, por conta do maior grau de desenvolvimento educacional e econômico, sucesso dos programas sociais governamentais de transferência de renda, alimentação e vestimentas a preços mais acessíveis, maiores e melhores oportunidades de trabalho, entre outros indicadores. Mas também, devido à ausência de conflitos políticomilitares, fronteiriços, interétnicos e religiosos extremos, disputas pelo poder e por recursos naturais e minerais, guerras internas de secessão e massacres comuns às sociedades africanas, bem como ao menor contato com

doenças infecciosas letais em seus países de origem, nos quais, moléstias há muito tempo vencidas pelos outros continentes, ainda ceifam vidas.

É fato que, a maioria dos países africanos é incapaz de garantir a segurança e prestar serviços essenciais às suas populações. Ao invés de promover benefícios, via de regra, os governos africanos têm se constituído uma fonte de sofrimentos, tornando-se verdadeiros genocidas para com seus povos, ao serviço do capital econômico internacional (MAMDANI, 2016).

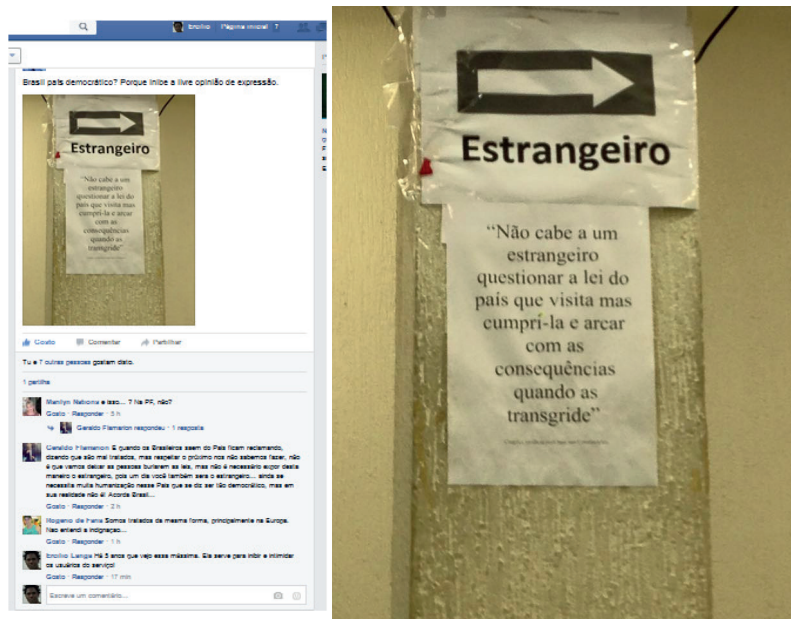
Entretanto, em Fortaleza, a vivência dos africanos é repleta de desafios, experiências e contatos com mundos distintos. Um dos desafios é o contato com distintas instituições públicas e privadas e suas dinâmicas de funcionamento. Os africanos vivenciam um ambiente dominado pela vulnerabilidade, desproteção social, exposição à violência, insegurança, furtos, roubos e assaltos, diferentes formas de violência e até assassinatos pois, passam a residir em dos Estados e uma cidades mais violentas do Brasil e do mundo.

Diariamente, distintas notícias nos jornais e televisões cearenses, apresentam notícias, casos e estatísticas e *rankings* sobre a desproteção social, precariedade dos serviços de saúde, acidentes de trânsito, bem como, acerca da violência urbana que afeta esta sociedade. Nessas notícias, chamam atenção para os *rankings* mundiais ou latino-americanos que, mostram que, Fortaleza, capital do Estado, ocupa lugares entre as dez cidades mais violentas do mundo, por conta de mortes por assassinatos e acidentes de viação que se verificam, particularmente, aos finais de semana, cujos níveis, estão acima de muitos países em situação de guerra.

No cotidiano, mesmo não sendo mencionadas ou percebidas como opressivas pelos africanos, diversos constrangimentos e formas de opressão social estão presentes nas interações desses sujeitos, particularmente, sob a forma do preconceito e múltiplas formas de discriminação raciais. Um dos desafios dos imigrantes é o acesso a serviços públicos. Por conta de questões burocráticas e do tratamento que lhes é reservado nas filas, caixas, balcões e guichês de atendimento, os africanos enfrentam dificuldades de acesso, comunicação, obtenção de informações, documentos e mesmo direitos sociais. Muitas dessas situações e dificuldades revelam a existência de racismo institucional que, ocorre quando instituições públicas ou privadas atuam de forma diferenciada em relação a determinados grupos, em função de suas características físicas ou culturais.

Nesses momentos, funcionários, servidores públicos ou mesmo utentes desses organismos lembram-lhes sempre de que são estrangeiros, africanos, negros e pobres morando na “terra dos outros”. Como exemplo, cabe aqui destacar, a existência de um lema, dístico ou máxima, bem visível, na parede frontal ao balcão de atendimento do Setor de Estrangeiros da Delegacia da Polícia Federal do Ceará, com a frase: – “*não cabe ao estrangeiro questionar a lei do país que visita, mas cumpri-la e arcar com as consequências, quando as transgride*” – que, bem explicita um padrão de atendimento, reservado aos africanos, nesta instituição. Vejamos:

**Figura 1:** Cartaz colado no guichê de atendimento aos estrangeiros do Departamento de Estrangeiro da Polícia Federal do Ceará entre os anos 2012 e 2015.



**Fonte:** Reprodução do Facebook no dia 07/09/2016. Fotografia de autoria de José Manuel Peixoto Caldas, reproduzida com a autorização do autor.

O cartaz reproduzido acima, colado na parede do guichê de atendimento aos estrangeiros deste setor público de atendimento aos cidadãos estrangeiros, parece servir para intimidar e inibir reclamações dos utentes e usuários desse serviço. A imagem suscita debate, não apenas sobre o tratamento reservado aos estrangeiros pela Polícia Federal no Ceará, sendo considerado “intimidatório”, pelos imigrantes dos países pobres do “Sul global”. Vejamos então, o depoimento de um imigrante cabo-verdiano acerca do atendimento na Delegacia de Migração desta instituição federal, serviço público ao qual os estrangeiros têm que se apresentar, anualmente, para prorrogar o visto de estada no Brasil:

Polícia Federal é o momento que a gente fica mais tenso, do ano, né. É o dia que a gente vai assim, tenta que se preparar psicologicamente, porque a gente vai muito tenso. Às vezes depende muito da pessoa que te atende, né. Mas é assim, a gente passa por momentos constrangedores, brincadeiras com um fundo de verdade, brincadeiras de mau gosto, pressão psicológica, assim, você sai de lá, realmente, exausto, exausto. Exausto assim. E.... mas, eu nunca tive um momento crítico assim. Teve um episódio assim, que não foi..., ficou uma coisa sem resolver, mas é como eu te disse. Como essa coisa do preconceito, ela permeia em todas as estruturas, então sempre vai estar embutido, sempre vai ter alguma coisa. [Imigrante cabo-verdiano residente há cerca de oito anos em Fortaleza. Entrevista gravada em 24/03/2014].

É no contexto da vivência cotidiana que, muitos africanos são alvo de preconceito, discriminação racial e em alguns casos, de violência. A cor da pele, sua fisionomia, seus traços físicos são os principais atributos da sua existência, característica social e física da experiência de seu grupo étnico. Dessa forma, é na diáspora que muitos africanos apreendem e assimilam tais valores e descobrem-se *negros* e o seu lugar social de inferioridade na sociedade brasileira. Muitas vezes, os africanos veem-se apartados, com menos direitos que outros segmentos sociais que residem em Fortaleza.

## Insegurança, violência e morte na comunidade africana

As mortes de africanos têm assombrado esta Diáspora, passando a fazer parte de seu universo de vida, particularmente, após o assassinato de três estudantes, entre 2011 e 2016, vítimas de: linchamento por dívida no mundo das drogas; assassinato após discussão banal em uma praça e; femicídio por motivos passionais.<sup>6</sup>

A violência tem caráter “difuso” na sociedade brasileira, estando incontável, com a possibilidade de todos os indivíduos serem afetados por ela, independentemente de classe, sexo ou idade nas mais diversas situações sociais (BARREIRA, 2015, 2013). Este pesquisador e especialista em violência e segurança pública cearense destaca ainda a categoria “crueldade” com que são praticados os assassinatos na cidade de Fortaleza (*Id*, 2015, 2013).

Entretanto, mesmo reconhecendo, sabemos de antemão que, tais índices e vulnerabilidades não são “democráticos”, pois, não atingem os indivíduos da mesma forma, afetando sobremaneira e de forma desigual, determinados grupos sociais – jovens, negros, pobres, mulheres e moradores das periferias urbanas – conforme destaca Waiselfisz (2012), autor dos **Mapas da Violência**, relatórios publicando anualmente que analisam a violência de forma sistemática no Brasil.

Nesse cenário, as mortes violentas de imigrantes africanos abalaram o imaginário social acerca do Brasil, na comunidade africana residente na cidade, bem como nos seus países de origem em África, antes visto como paraíso terrestre. Nas linhas seguintes, passo a descrever esses casos emblemáticos.

Na manhã do dia 10 de novembro de 2011 falecia, no Hospital Instituto Dr. José Frota (IJF)<sup>7</sup> em Fortaleza, Jason Teixeira Hopfer, estudante cabo-ver-

6. Além destas mortes, por via de assassinatos, nos últimos cinco anos, faleceram outros cinco estudantes africanos: um moçambicano e quatro bissau-guineenses. Dessas mortes, quatro foram devido a doenças e outra vítima de acidente de viação. Em todos esses casos, houve dificuldades de comunicação entre os africanos e os profissionais de saúde e autoridades policiais. Até hoje, a comunidade não tem certeza das reais causas ou circunstâncias das mortes de seus compatriotas.

7. Este Hospital de pronto-socorro constitui referência principal no tratamento de acidentes, perfurações, traumatismos, quedas, fraturas, queimaduras, entre outros atendimentos, não apenas da capital, mas em todo o Estado, recebendo utentes de todo o Ceará.

diano, de vinte e dois anos de idade, após três dias de internamento na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Jason Teixeira estava no 5º semestre do curso de Direito em uma faculdade particular de Fortaleza e morava alguns quilômetros do local onde foi encontrado ferido. Três dias antes, num domingo à noite, Jason Hopfer havia sido espancado por um grupo de jovens ligados ao mundo das drogas na Favela do Oitão Preto, na periferia da cidade de Fortaleza. Após o espancamento durante a noite, o estudante cabo-verdiano foi encontrado por populares, pela manhã, agonizando com lesões internas, traumatismo craniano e ferimentos no rosto na Avenida Leste-Oeste, no dia 10 de novembro. Três dias após o internamento, o estudante não resistiu e perdeu a vida.<sup>8</sup>

Durante o período em que Jason esteve internado no IJF, os profissionais deste Hospital não se comunicavam, prestavam alguma informação à comunidade africana ou aos representantes das agremiações estudantis africanas sobre o estado de saúde do estudante cabo-verdiano, alegando que só falariam com um familiar direto do estudante. Estranhamente, conseguiram contatar a mãe do estudante, residente em Cabo-Verde que, imediatamente viajou deste Arquipélago – localizado na região ocidental do continente africano – para Fortaleza.

Os serviços sociais deste Hospital, somente, contataram a comunidade africana para informar que havia sido decretada a morte encefálica do estudante e assim, fazer o pedido de doação dos órgãos internos do falecido. A comunidade africana recusou-se a assinar os documentos de doação dos órgãos, alegando que caberia à mãe do estudante decidir. Nesse interim, o assassinato do estudante cabo-verdiano foi amplamente noticiado pelos meios de comunicação e imprensa cearenses, bem como nas semanas seguintes, houve um aumento significativo de reportagens sobre a situação dos africanos no Estado. Também se verificou um assédio dos meios de comunicação a esses sujeitos, com o objetivo de conseguir informações sobre o caso, particularmente, as

---

**8.** Para melhor compreensão deste caso, cf notícias da imprensa do Ceará em: G1 - Corpo de jovem africano morto em Fortaleza é enviado a Cabo Verde. Fonte <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2011/08/corpo-de-jovem-africano-m>>... E em G1 - Estudante africano morre em Fortaleza após ser espancado. Fonte: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2011/08/estudante-africano-morre-e>>.



circunstâncias da morte pois, suspeitava-se que o falecido estivesse envolvido com o consumo de drogas.

Quatro anos depois, no dia 15 de julho de 2015, a Diáspora africana no Ceará foi surpreendida com a morte de mais um estudante, vítima de assassinato. Paulo Jorge Romão Santos Delgado, de 24 anos de idade, estudante cabo-verdiano, natural da Ilha de Santo Antão, morava há cerca de três anos na cidade de Fortaleza. Paulo Jorge cursava uma faculdade particular de Fortaleza e trabalhava como garçom em um restaurante.

Na manhã do dia 15 de julho foi atropelado, mortalmente, por uma viatura na Avenida Santos Dumont, cujo o motorista fugiu do local sem prestar socorro.<sup>9</sup> O estudante ainda foi socorrido para o IJF, mas não resistiu aos ferimentos e faleceu na mesma manhã. Algumas semanas depois, veio à tona, as reais circunstâncias da morte, quando o um jovem brasileiro de 20 anos de idade se entregou à Polícia e confessou ter praticado o crime, explicando que, na realidade, tratou-se de um homicídio premeditado.<sup>10</sup>

Horas antes do atropelamento, o estudante africano teria se envolvido em uma discussão com o assassino em uma Praça no bairro Cidade 2000. Após o

---

**9.** Para informações sobre este caso, confira as notícias publicadas na imprensa à época do acontecimento. Fonte: G1 - Africano morre atropelado no CE e amigos pedem ajuda para tras.. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/07/africano-morre-atropelado->>. Acessado em 29 jul. 2016

**10.** mas também Para melhor compreensão deste caso, cf. as notícias publicadas na imprensa cabo-verdiana, no jornal Ocean. Press, intitulada: "Fortaleza- Jovem confessa que teve intenção de atropelar estudante cabo-verdiano", 31 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.oceanpress.info/cms/Pt/especial/diaspora/28359-fortaleza-jovem-confessa-que-teve-intencao-de-atropelar-estudante-cabo-verdiano?tmpl=component&print=1>>. Acessado em 29 jul. 2016. Para uma melhor compreensão dos desenvolvimentos do caso, cf matérias publicadas na imprensa nos seguintes endereços eletrônicos: Homem confessa atropelamento de universitário africano Available from: <<http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2015/07/30/noticiafortaleza,3>>. E também a matéria: Após campanha, amigos custeiam o traslado do corpo de estudante ca. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/brasil-africa/apos-campanha-amigo>>..... Homem é indiciado por homicídio após atropelamento. Available from: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2015/07/31/noticiasjor>>. Acessado em 29 jul. 2016

desentendimento, o estudante cabo-verdiano teria se desculpado. Entretanto, quando voltava para casa trafegando em sua moto, cerca das 4h-5h da manhã, foi seguido por uma viatura que, avançou contra o estudante africano, passando por cima deste. As agremiações estudantis africanas, familiares e amigos organizaram campanha para arrecadar fundos para o custeio do traslado do corpo para sua terra natal, que era estimado em cerca de 20.000 R\$ (vinte mil reais).

Dois dias depois do início da campanha de angariação de fundos, foram conseguidos os valores monetários e o corpo do estudante falecido foi trasladado para Cabo-Verde, onde foi sepultado. O processo judicial relativo a este assassinato segue em tribunal e a comunidade africana não tem notícias de seus desenvolvimentos.

Sempre que acontecem mortes de estudantes africanos, não dispondo de planos funerários e fundos emergenciais, as agremiações estudantis africanas organizam campanhas de solidariedade e de angariação de fundos nas redes sociais virtuais na internet e através de apelos nas televisões, jornais e rádios cearenses. Assim como fazem apelos dentro das salas de aulas nas faculdades particulares e junto às embaixadas e serviços consulares dos países de origem, na tentativa de obter ajuda econômico-financeira para a transladação dos cadáveres para os países africanos. Geralmente, o custo de transladação, via aérea, de corpos do Ceará para os países africanos mais próximos, como são Cabo-Verde e Guiné-Bissau, custam valores monetários que, variam entre R\$ 20.000 (vinte mil reais) e R\$ 32.000 (trinta e dois mil reais).<sup>11</sup> Tais valores são altíssimos, tendo em conta o nível de vida dos estudantes-imigrantes africanos.

Na manhã do dia 20 de outubro de 2015, um estudante bissau-guineense foi baleado na região do queixo durante um assalto no bairro Montese, arredores de Fortaleza. Tratava-se de Ascensione Mendes, de 26 anos que mora em Fortaleza há cerca de 6 anos, estuda em uma faculdade particular, e encontrava-se nas ruas deste bairro, trabalhando na coleta de dados em estabelecimentos comerciais para uma pesquisa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Cerca das 8h da manhã, a vítima foi abordada por dois homens em um carro preto que, após anunciarem o assalto exigiram o

---

11. Esses valores referem-se aqueles vigentes no ano 2015.

telefone celular ao estudante africano. Ao meter a mão no bolso para entregar o aparelho telefônico, os assaltantes se assustaram e pensaram que este sacaria uma arma e, efetuaram dois disparos, atingindo-o na região da boca.

A vítima saiu correndo em busca de socorro, caminhou até ao cruzamento das ruas Vasco da Gama e Edith Braga, e os moradores foram auxiliando, quando pouco tempo depois, uma viatura policial passou e o encaminhou para o Hospital IJF. Este imigrante africano morava no Centro da cidade e era conhecido pelos moradores do bairro Montese pois, realizava pesquisa naquele local havia algum tempo. A vítima foi encaminhada para o hospital IJF, onde se encontra internado, mas fora de perigo. Este caso gerou comoção e uma onda de solidariedade nas redes sociais entre os africanos residentes na cidade que, imediatamente, dirigiram-se ao referido hospital. Uma semana depois do sucedido, Ascensione Mendes recebeu alta e continuou se recuperando do baleamento em casa.

Esta tentativa de assassinato por pouco não se concretizou e não se juntou às estatísticas de homicídios por arma de fogo no Brasil. Dados estatísticos sobre homicídios por arma de fogo publicados pelo “Mapa da Violência 2015” mostram que entre 1980 – data em que os registros passaram a ser sistematizados – e 2012, morreram mais de 880.000 (oitocentos e oitenta mil) pessoas morreram, vítimas de disparos de arma de fogo em todo o Brasil (WASELFSZ, 2015). Nesse mesmo período, as vítimas passaram de 8.710 (oito mil setecentos e dez) no ano 1980 para 42.882 (quarenta e dois mil oitocentos e oitenta e dois) em 2012, um crescimento de 387%. Nesse mesmo intervalo de anos, a população brasileira cresceu cerca de 61% (IDEM, 2015).

Os dados também apontavam a morte de 42.400 (quarenta e duas mil e quatrocentas) pessoas no ano 2012, vítimas de armas de fogo no Brasil, números equivalentes a cento e dezesseis mortos por dia ou quase cinco por hora. Entre os jovens de quinze a vinte e nove anos de idade, o crescimento das mortes foi maior: passou de 4.415 (quatro mil e quatrocentos e quinze) vítimas, em 1980, para 24.882 (vinte e quatro mil, oitocentos e oitenta e dois) em 2012, ou seja, um aumento de 463,6% em 33 (trinta e três) anos. Este elevado aumento de mortes por armas de fogo foi alavancado, quase exclusivamente pelos homicídios que, cresceram 556,6%, enquanto os suicídios com armas de fogo aumentaram 49,8%. (*Ibid*, 2015).

Por último, no ano 2016, no dia 29 de julho, a Diáspora africana foi surpreendida com a circulação de notícias nas redes sociais virtuais, particularmente, no *Facebook*, que informavam que a estudante cabo-verdiana Vânia Fernandes, de 21 anos, fora morta com um tiro na cabeça, na tarde anterior, no Município do Eusébio, localizado na região metropolitana de Fortaleza (RMF), onde residia na companhia de seu namorado.<sup>12</sup> A estudante, que residia há cerca de dois anos na cidade de Fortaleza, estudava durante o dia e trabalhava num posto de combustíveis à noite.

Tal notícia foi originalmente publicada no jornal cabo-verdiano “*A Nação*” e, somente, dois dias depois noticiada pelos jornais fortalezenses. O mesmo jornal avançava que o possível autor do homicídio era o seu namorado, um policial brasileiro, de cerca de 32 anos. De acordo com esse Jornal, as informações acerca dessa morte eram escassas, mas, amigos e fontes próximas dos familiares da vítima afirmavam que a jovem teria sido assassinada pelo namorado, pois, a vítima tinha, constantemente, brigas com o namorado por causa das “crises de ciúmes” dele. “Tais desentendimentos terão atingido o ápice na tarde do dia em que a jovem foi baleada.

Semanas antes, Vânia Fernandes andava ausente, tendo removido todas as suas publicações na rede social digital *Facebook*, assim como, a amizade que tinha com a maioria dos cabo-verdianos”, escrevia o Jornal. A morte desta estudante foi confirmada pela Embaixada de Cabo-Verde na cidade de Brasília, capital política do país, bem como que os fatos recaíam sobre o namorado. Esta representação diplomática encetava contatos com a Polícia de Fortaleza, para apurar mais detalhes.

O caso da morte da estudante Vânia Fernandes insere-se num cenário mais amplo, vivenciado na cidade de Fortaleza e no Brasil de forma geral, caracterizado pela perseguição, cerceamento, humilhações, violência contra as mulheres, assim como por feminicídios, perpetrados por seus companheiros, familiares e até mesmo desconhecidos.

---

**12.** Para mais detalhes sobre este caso, cf. a notícia do jornal cabo-verdiano, *A Nação*, com o título: “Estudante cabo-verdiana é assassinada no Brasil”, 29 de jul. 2016. Disponível em: <<http://anacao.cv/2016/07/29/estudante-cabo-verdiana-e-assassinada-no-brasil/>>. Acessado em 29 jul. 2016.

A morte desta mulher, jovem, negra, estudante, imigrante, estrangeira e africana veio acrescentar mais um caso nas estatísticas acerca da violência e dos feminicídios no Ceará – particularmente, nos índices e taxas de violência e de assassinatos contra a mulher, violência doméstica, violência de gênero, violência conjugal – onde, este Estado é líder dos *rankings* estaduais, regionais, nacionais e mundiais. Nessas estatísticas, a maioria das vítimas são homens e mulheres jovens negros e negras e, na maior parte das vezes, o agressor é o próprio companheiro.

A morte desta mulher, jovem, negra, estudante, imigrante e africana veio acrescentar mais um caso nas Estatísticas acerca da violência e dos feminicídios no Brasil, particularmente no Ceará – nos diferentes índices e taxas de violência, assassinatos e feminicídios, violência doméstica, violência de gênero, violência conjugal contra as mulheres – onde, este estado ocupa os lugares cimeiros nos *rankings* estaduais, regionais, nacionais e mundiais. Nessas estatísticas – cuja a maioria das vítimas são homens e mulheres jovens negros e negras e, na maior parte das vezes, o agressor é o próprio companheiro – contribuem para reforçar o reconhecimento da opressão e discriminação históricas contra a população negra e ressaltar o grande número de mulheres negras brasileiras vítimas da violência de gênero (WAISELFISZ, 2015).

De fato, mesmo depois de passado cerca de dez anos da aprovação da Lei 11.340/2006 – mais conhecida como “Lei Maria da Penha” – visando coibir a violência doméstica, familiar e de gênero contra as mulheres, aprovada em 2006, bem como passados mais de um ano após ser sancionada a Lei 13.104/2015 – conhecida como a “Lei do Feminicídio” – que, classifica como crime hediondo o assassinato de mulheres com o agravante, particularmente, quando são perpetrados em situação de vulnerabilidades como gravidez, menoridade, diante dos filhos, e outras situações, os índices destes crimes continuam altos, registrando pequenas diminuições nos casos.

## Considerações finais

O artigo analisou as interações cotidianas, face-a-face entre africanos e a sociedade fortalezense, nos mais variados espaços e lugares públicos e privados, bem como descreveu as distintas formas de violência que afetam a vida dos sujeitos imigrantes. Nas interações, tais formas de violência e opressão vão da

rispidez, passando pelas situações de preconceito, discriminação racial e violência verbal, à ocorrência de roubos e assaltos e em casos-limites, terminam com violência física, sexual ou mesmo com morte de africanos.

Minhas observações incidiram nas interações que acontecem nas filas de acesso a serviços, sejam eles públicos ou privados. Tais interações revelam muito acerca da segregação espacial de renda, classe, raça, etnia, sexo e gênero, bem como das distinções de várias ordens entre os diferentes segmentos sociais, existentes nas grandes metrópoles do Brasil.

As distintas formas de violência mostram o caráter difuso da violência nesta sociedade, mas também, como determinados segmentos e grupos etnicorraciais são mais afetados por ela, de forma desigual. A violência e morte que atingem os africanos na cidade de Fortaleza intersecciona diferentes marcadores sociais: raça, etnia, classe, sexo, gênero, origem, *status* e prestígio, etc. A esse cenário, cabe acrescentar o clima de desconfiança e acusações entre a população local e a comunidade africana, bem como a sensação de insegurança, medo e receio de assaltos, furtos e roubos, desproteção social e as mortes de africanos nessa diáspora.

As mortes de jovens africanos nos últimos cinco anos, aqui narradas e descritas, mostra a vulnerabilidade desses sujeitos às distintas formas de violência e opressão, seja ela, urbana, policial, de gênero e mesmo institucional. O fato de serem estrangeiros, negros, africanos e imigrantes são características interseccionais que contribui para as mortes, bem como, contribuem para que os casos não sejam investigados a fundo e mesmo solucionados. Verificam-se dificuldades da comunidade africana em se comunicar, dialogar e obter informações – detalhadas e precisas sobre as circunstâncias das mortes de seus conterrâneos – nos hospitais, delegacias de polícia e órgãos de justiça. Tais dificuldades revelam a existência de racismo institucional e criam um ambiente propício à especulações e acusações.

## Referências

APPADURAI, ARJUN. *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema, 2004.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 1994.

AUGÉ, Marc. *Um antropólogo e o mundo global*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BARREIRA, César. Crueldade: a face inesperada da violência difusa. *Revista Sociedade e Estado*, vol. 30, n. 01, Jan./Abr. 2015. p. 55-74.

BARREIRA, César. Violência difusa, medo e insegurança: as marcas recentes da crueldade. *Revista Brasileira de Sociologia*, vol. 01, n.01, Jan./Jul. 2013, p. 217-242.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudo de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social de ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOFFMAN, Erving. *Representação do eu na vida cotidiana*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Stigma: notas sobre a manipulação da Identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LANGA, Ercílio. Diáspora africana no Ceará: representações sobre as festas e as interações afetivossexuais de estudantes africanos(as) em Fortaleza. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, v. 2, n.1, pp. 102-122, 2014.

MAMDANI, Mahmood. Entendendo a Violência Política na África Pós-colonial. In LAUER, Helen; ANYIDOHO (Orgs.). *O Resgate das Ciências Humanas e das*

*Humanidades através das Perspectivas Africanas*. Vol. I. Explicando ações e crenças. Cap. 41. Brasília: FUNAG, 2016, p. 383-418.

WASELFISZ, Julio. *Mapa da Violência 2016*: homicídios por arma de fogo no Brasil. Versão corrigida 26/08/2015. FLACSO BRASIL.

WASELFISZ, Julio. *Mapa da Violência 2015*: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília: FLACSO, 2015.

WASELFISZ, Julio. *Mapa da Violência 2014*: os jovens do Brasil. Brasília: FLACSO, 2014.

WASELFISZ, Julio. *Mapa da Violência 2012*: a cor dos homicídios no Brasil. Brasília: FLACSO, 2012.

### **Artigos em jornais, meio eletrônico e audiovisuais**

BRÁS, Janaína. [Estudantes] Africanos na Capital sentem 'na pele' o preconceito. *O Povo*, Fortaleza, 22 de ago. 2011. Especial, p. 4.

FELLET, João. Mortes de estudantes abalam comunidade africana no Ceará. 5 mai. 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/05/140505\\_morte\\_estudantes\\_africanos\\_ceara\\_jf\\_an](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/05/140505_morte_estudantes_africanos_ceara_jf_an)>. Acessado em 11 jun. 2016.

GOMES, Marianna. Africanos quebram barreiras, mudam cenário e já somam mais de 2 mil no Ceará: entre desafios, superações e conquistas, os imigrantes da "Mama África", mostram que vieram para contribuir com o desenvolvimento do Brasil. *Tribuna do Ceará*. Acontece. Ceará, p. 1. Set, 2015.

RODRIGUES, Leonardo. Sem visto, 300 estudantes de Guiné-Bissau no CE podem ser deportados. 12 jul. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/07/1119200-sem-visto-300-estudantes-de-guine-bissau-no-ce-podem-ser-deportados.shtml>>. Acessado em: ago. 2014. Atualizado em 11 jun. 2016.

GLOBO 1. Estudante de Guiné-Bissau em situação irregular é detida no Ceará: aluna tem visto de estudante e trabalha irregularmente no Ceará. 11 jun. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/07/estudante-de-guine-bissau-em-situacao-irregular-e-detida-no-ceara.html>>. Acessada em: 14 jun. 2015.

**Recebido:** 03/02/2018

**Aceito:** 07/08/2018